MARIA, A OPÇÃO PREFERENCIAL DOS POBRES

Sandro Sebastião[1]

Introdução

O objetivo dessa reflexão é trazer à tona o recíproco amor entre Maria, Mãe de Deus e seus filhos e devotos. Assim como por parte da Igreja Latino-americana no seu exercício pastoral reafirmar a opção preferencial pelos pobres, que de modo particular tem um amor todo preferencial por Maria.

Este amor dos pobres e sofredores por ela surge daquilo que lhe é pertinente enquanto mulher, mãe e companheira que se incultura para fazer seus filhos felizes. Sua presença exerce influência nas realidades históricas e culturais, convocando os seus a serem promotores de sua própria libertação, construtores da paz e da justiça.

A opção preferencial pelos pobres

Com o advento do Concílio Vaticano II na década de 60 as Comunidades Eclesiais da América Latina e do Caribe se viram também chamadas ao revigoramento, aderindo com certa reverência as novidades do Concílio diante das ideias sociais católicas alinhadas ao Ministério Petrino. Afirma-nos Alexandre A. Martins:

> Sem dúvida, o episcopado latino-americano, congregado nos encontros do Celam [2], foi a parcela da Igreja católica que mostrou maior dinamismo ao abraçar o espírito do Vaticano II e aplicar suas ideias no contexto latino-americano. A Conferência de Medellín (1968) teve o objetivo de adaptar as inovações trazidas pelo Concílio ao contexto da América Latina (VV.AA. 2016, p. 51).

Desse caráter envolvente de inserção no campo social, econômico e político a Igreja na América Latina entra em efervescência pastoral, imbuída de uma Teologia Libertadora revela um novo jeito de ser da Igreja, sobretudo no que diz respeito aos pobres e seu processo de exclusão frente ao dinamismo do progresso econômico, técnico e industrial.

> Efetivamente, o pobre oferece as condições melhores, ou mais vantajosas, para se conhecer o Deus bíblico e seu Reino. De fato, o Deus bíblico é justiça e libertação, e o é, em primeiro lugar, para os oprimidos. O Reino de Deus pertence aos pobres antes de quaisquer outros (Lc 6, 20). O Messias é o libertador dos pobres, sobretudo deles (Lc 7, 22). E apareceu na figura

---

1 Sandro Sebastião é Padre Diocesano de Caruaru Pernambuco e Mestrando na Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. E-mail: pesandropope@hotmail.com
2 As siglas encontradas terão seu significado aqui: Celam (Conferência Episcopal Latino-americana); DPb (Documento de Puebla); DAp (Documento de Aparecida); RM (Redemptoris Mater).

> do pobre e do crucificado. Podia não ter sido assim, mas foi assim. E esse deve ser também o caminho da fé. Se assim é, o compromisso com os pobres e com sua libertação é uma maneira privilegiada de entender por que Deus é Javé e por que Jesus é o Messias (BOFF, 2015, p. 175).

Foi a Opção Preferencial pelos Pobres que se tornou o centro dessa teologia com sua prática atuante em todas as instâncias da vida latino-americana. É a Conferência de Puebla (1979) que vem enfatizar a pastoralidade e o exercício eclesial nesta linha. Enquanto Medellín (1968) só acena a problemática dos pobres e pedia aos pastores que viessem em socorro destes. Portanto, Puebla lançou-se sobre a problemática, exigindo providências (PUEBLA n. 1134).

> A opção preferencial pelos pobres tem como objetivo o anúncio de Cristo Salvador, que os iluminará sobre a sua dignidade, os ajudará em seus esforços de libertação de todas as suas carências e os levará à comunhão com o Pai e os irmãos, mediante a vivência da pobreza evangélica (DPb n. 1153).

Para isto, o pobre é levado a reconhecer o poder libertador do Deus de Israel que o tira do Egito, e a ação salvadora de Jesus de Nazaré e sua opção pelos pequenos e fragilizados.

Pobres e sofredores voltam-se à Maria

Qual pobre e sofredor latino-americano frente a religiosidade popular ao escutar ou ler as passagens bíblicas do Novo Testamento referentes a visita de Maria a sua prima Isabel (Lc 1, 39-56) ou a intercessão da mesma nas bodas de Caná da Galileia (Jo 2,1-12), assim como o seu cântico diante da afirmação de sua prima: “Bem-aventurada aquela que acreditou! (Lc 1,45)”, não se sente tão próximo e a toma como companheira de estrada a esta que é a Mãe do Salvador?

Pois bem, ao olharmos a nossa América Latina e Caribe nas suas pequenas ou grandes cidades e recantos por vezes esquecidos, geralmente encontraremos um povo apaixonado por esta Mulher que escolhida por Deus para ser mãe de seu Filho, por amor a nós tornou-se também nossa Mãe. Não raro, encontramos lugares de devoção voltada a esta figura tão querida e amada pelo povo.

> Os diversos títulos e os santuários espalhados por todo o Continente testemunham a presença próxima de Maria às pessoas, e ao mesmo tempo manifestam a fé e a confiança que os devotos sentem por ela. Ela pertence a eles e eles a sentem como mãe e irmã (DAp n. 269).

Assim como:

> Em nossos povos, o Evangelho tem sido anunciado, apresentando a Virgem Maria como sua realização mais alta. Desde os primórdios – em sua aparição e invocação de Guadalupe – Maria tornou-se o grande sinal, de rosto materno e misericordioso, da proximidade do Pai e de Cristo com quem ela nos convida a entrar em comunhão. Maria foi também a voz que deu impulso a união dos homens e dos povos. Como em Guadalupe, os

> outros santuários marianos do Continente são sinais do encontro da fé da Igreja com a história latino-americana (DPb n. 282).

Percebe-se uma preferência à Ela que a qualquer outro mediador junto a Jesus. Sua humanidade e presença nas narrativas bíblicas e suas aparições mundo a fora revelam aos seus filhos adotivos o que Ela foi e o que é para o projeto salvífico de Deus: Mulher, pobre, prestativa, obediente, ativa ao proclamar o Reinado de Deus, auscultadora da vontade do Pai e do Filho e peregrina no caminho da fé. Características e qualidades a que se associam o povo simples e pobre.

> Maria é reconhecida como modelo extraordinário da Igreja na ordem da fé. É aquela que crê, pois nela resplandece a fé como dom, abertura a resposta e fidelidade. É a discípula perfeita que se abre à palavra de Deus e se deixa penetrar por seu dinamismo (DPb n. 296).
>
> Maria é mulher. É 'a bendita entre todas as mulheres'. Nela dignifica Deus a mulher elevando-a a dimensões inimagináveis. Em Maria o Evangelho penetrou a feminilidade, redimiu-a e exaltou-a. Isto é de importância capital para nosso horizonte cultural, em que a mulher deve ser valorizada muito mais e em que suas tarefas sociais se estão definindo com mais clareza e amplidão (DPb n. 299).

Na alma de Maria está o seu espírito libertador. Esvaziada de si, sua força feminina abre-se em perspectivas para a libertação do povo de Israel assim como a nossa. O pobre e o oprimido encontram no *Magnificat* o seu grito libertador e sua força para continuar lutando e acreditando em dias melhores. Maria se torna para estes a melhor opção, pois como ser humano foi capaz de viver as aflições humanas e por acreditar nas promessas de Deus foi assumida por Ele e se encontra nos céus sem descuidar dos seus filhos na terra.

Parafraseando o Documento de Santo Domingo (1992, n. 229), nota-se que como mulher judia, ela representa o povo de Israel com toda a sua realidade cultural. No entanto, abre-se ao Evangelho que está presente no nosso Continente como Mãe da diversidade de povos encontrados aqui, assim como os que para cá vieram, propiciando desde o princípio a nova síntese cultural que é a América Latina e o Caribe.

O amor preferencial dos pobres por Maria encontra respaldo no seu cântico libertador, o *Magnificat*, visto ela "está profundamente impregnada do espírito dos 'pobres de Javé', [que] esperavam de Deus a própria salvação, pondo nele toda a sua confiança (RM n.37) ". Com este cântico, ela proclama o advento da salvação que provêm do Messias dos empobrecidos. Ela também é "totalmente dependente de Deus e está orientada para Ele, ao lado do seu Filho, [torna-se] o ícone mais perfeito da liberdade e da libertação da humanidade e do cosmos (RM n. 37). " Fato que atrai o olhar dos pobres e sofridos para ela por se sentirem amados e amparados.

Hoje mais do que nunca, Maria se abre para a diversidade das preocupações humanas. Suas aparições geralmente refletem o aspecto social, político, econômico e cultural de cada ambiente onde surge. Suas mensagens de caráter doce trazem em si um poder vigoroso de libertação aos oprimidos e condenação ao sistema contemporâneo. Seus traços maternos, realiza em seus filhos a cura da alienação e convoca-os para a remissão de todo o opróbrio que possam estar vivendo.

São sinais disto: Tepeyac no México, junto a Juan Diego; Aparecida em São Paulo, junto aos pescadores; Fátima em Portugal, junto aos três pastorzinhos e assim sucessivamente pelo mundo. É o que nos afirma com outras palavras a *Marialis Cultus* do Papa Paulo VI:

> Observa-se, na realidade, que é difícil enquadrar a imagem da Virgem Maria conforme resulta de certa literatura devocional, nas condições de vida contemporânea, e em particular nas da mulher. E isso, quer a consideremos no ambiente doméstico, onde tanto as leis como a evolução dos costumes tendem juntamente para lhe reconhecer a igualdade e a corresponsabilidade do homem, na direção da vida familiar, quer a consideremos no campo político, onde ela conquistou, em muitos Países, um poder de intervenção na coisa pública, a par do homem; quer a consideremos, ainda, no campo social, onde ela desenvolve a sua atividade, nos mais variados setores operativos, deixando cada dia mais o restrito ambiente do lar... (n. 34).

Concernente ao que vimos, a intervenção de Maria na História mediante sua intercessão é uma verdade, nos afirma Clodovis Boff (2006, p. 123) ao analisar a relação dos Papas para com esta. Sua intercessão dá-se de modo privilegiado junto aos pobres e sofredores no que diz respeito às suas respectivas necessidades materiais e sociais. Visto esta intercessão representar uma influência direta e real da Mãe de Deus sobre o curso da história em favor de seus filhos e devotos.

Considerações finais

Assim sendo, respeitando as características próprias da evangelização no nosso continente, a Igreja tem corroborado para o fim da marginalização e exploração dos empobrecidos mediante sua opção preferencial pelos pobres e sofredores. É obvio que isto tem se realizado a passos lentos, tendo em vista as estruturas nas quais estes pobres estão inseridos.

No entanto, este mesmo povo pode contar com a intercessão materna e amiga da Mãe de Deus. Sua presença eficaz e pertinente conduz este mesmo povo a um estágio de mudanças favorecido pela fé, assim como pela confiança que esta presença exerce sobre seus filhos e devotos. Sobretudo hoje, quando de se deixa de ver Maria com um olhar romantizado para enxergá-la como Mulher do povo, que

espera junto a estes a libertação messiânica em seu Filho Jesus. Maria é deste modo, mulher do combate que não aceita nenhum tipo de exploração.

Referências

BÍBLIA DO PEREGRINO. **Novo Testamento**. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2000.

BOFF, Clodovis. **Teoria do método teológico**. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

_____. Mariologia Social: **O significado da Virgem para a Sociedade**. São Paulo: Paulus, 2006. Coleção Teologia Sistemática.

DOCUMENTO DE APARECIDA. **Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e Caribe**. São Paulo: Paulus/Paulinas, 2007.

FRANCISCO, Papa. **Evangelii Gaudium**. São Paulo: Paulus/Loyola, 2013.

JOÃO PAULO II, Papa. **Redemptoris Mater**. 15ª ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

PAULO VI, Papa. **Marialis Cultus**. Libreria Editrice Vaticana.

PUEBLA. **Evangelização no presente e no futuro da América Latina**. Texto oficial. 8ª ed. São Paulo: Paulinas, 1986.

SANTO DOMINGO. **Conclusões da IV Conferência geral do Episcopado Latino-americano**. São Paulo: Paulinas, 1992.

VV.AA. **Magistério e Doutrina Social da Igreja**: Continuidade e desafios/ Ronaldo Zacharias e Rozana Manzini, (Org). - São Paulo: Paulinas, 2016.